

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

4 Feb 2017
18: 00 Sala Suggia

Stefan Blunier *direcção musical*

1ª PARTE

Arthur Honegger

Sinfonia n.º1 (1930; c.21min)

1. *Allegro marcato*
2. *Adagio*
3. *Presto – Andante tranquillo*

Heinz Holliger

Duas Transcrições de Liszt

(1881/1986; c.12min)

1. *Nuages gris –*
2. *Unstern!*

2ª PARTE

David Philip Hefti

Changements (2011; c.14min)

Michael Jarrell

Três estudos de Debussy

(1915/1992; c.12min)

1. *Pour les notes répétées*
2. *Pour les sonorités opposées*
3. *Pour les accords*

17:15 Ciber música

Palestra pré-concerto por **Fernando C. Lapa**



casa da música

APOIO

swiss arts council

prohelvetia

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE

resco
RESEARCH
AND
SCIENCE
COUNCIL

REMA
RESEARCH
AND
EVALUATION
MUSIC
ANALYSIS

EUROPE JAZZ NETWORK

ECHO EUROPEAN
CONCERT HALL
ORGANISATION

TENSO

As obras do programa de hoje, bem distintas entre si, têm como ponto comum a particularidade de terem sido compostas ou arrançadas por compositores suíços – sendo dirigidas por um maestro também suíço. Estas obras balizam um pouco menos de um século de música sinfónica: entre a Sinfonia n.º 1 de Honegger (composta em 1930) e *Changevements* de David Philip Hefti (2011) situam-se as orquestrações de Holliger (1986) e Jarrell (1992). As primeiras, são obras originais, significativamente representativas dos seus diversos tempos e autores. As segundas são orquestrações de conhecidas obras para piano, de Liszt e Debussy.

Arthur Honegger

LE HAVRE, 10 DE MARÇO DE 1892

PARIS, 27 DE NOVEMBRO DE 1955

Sinfonia n.º 1

Arthur Honegger, compositor de origem suíça – apesar de ter nascido no Havre no norte da França e de ter vivido grande parte da sua vida em França, manteve sempre a nacionalidade suíça –, foi aluno de Charles Widor e Vincent d'Indy no Conservatório de Paris, onde conheceu Darius Milhaud e Jaques Ibert. Pertenceu ao Grupo dos Seis, com F. Poulenc, D. Milhaud, G. Auric, L. Durey e G. Tailleferre. Contemporâneo de um significativo número de artistas, foi próximo de Picasso, Claudel, Cocteau, Satie, entre muitos outros. A sua obra, alargada e diversa, é difícil de catalogar, desenvolvendo-se entre as fronteiras da tonalidade e de um atonalismo livre, com recurso frequente a escritas politonais. A sua música revela uma particular atenção ao contexto do seu tempo, procurando dar expressão às transformações políticas, sociais e culturais da Europa

de então. Neste contexto refira-se a sua obra mais famosa *Pacific 231*, peça sinfónica inspirada no ruído de uma locomotiva. Para além de uma significativa produção orquestral ou de câmara (escreveu 5 sinfonias, por exemplo), compôs ainda para a rádio, o cinema, o teatro, o bailado ou a ópera.

A Primeira Sinfonia foi composta entre Dezembro de 1929 e Maio de 1930. Resulta de uma encomenda para a celebração dos 50 anos da Orquestra Sinfónica de Boston. Foi estreada por esta orquestra em Fevereiro de 1931, sob a direcção de Serge Koussevitski.

Apesar de a construção da Sinfonia seguir o modelo clássico (há quem lembre Haydn), o primeiro andamento (*Allegro marcato*) está construído a partir de um único tema. Dele surgirão outras ideias e motivos, em grande parte originados pelos desenvolvimentos polifónicos. O ambiente inicial é cru e agreste, tanto na harmonia como na articulação, nos acentos ou no ritmo. O contraste interno, ao invés de usar duas ideias musicais distintas, define-se sobretudo pela sequência de secções de carácter contrastante. Assim, antes de regressar ao ambiente inicial, o andamento desenvolve uma secção de carácter mais plano e expressivo.

O segundo andamento (*Adagio*) tem uma construção próxima do *lied*. O ambiente é sereno e expressivo, com desenhos intervalares mais abertos e de recorte algo expressionista. As cordas vão conduzindo as operações, numa escrita de carácter polifónico. A mobilidade contrapontística das texturas orquestrais é em grande parte responsável pelo desenrolar das frases e dos movimentos e por alguma instabilidade tonal. No centro do andamento surge uma secção mais aberta e global, num impressivo *tutti* orquestral. No final regressa a polifonia serena e contida das cordas, com que se iniciara este andamento.

O terceiro andamento (*Presto*) recupera a clareza e energia do primeiro andamento. A pulsão rítmica do baixo, sempre marcando o movimento, é o suporte de uma escrita sincopada e precisa. O contraponto da secção seguinte acrescenta cor e movimento. Os sopros, nomeadamente os metais, vão fazendo regressar a vitalidade rítmica e o recorte harmónico da secção inicial. No entanto o andamento vai terminar inesperadamente, numa coda composta em andamento lento (*andante tranquillo*). A escrita expressiva e pacificadora, nas cordas e nas madeiras, como que apazigua todas as tensões.

Heinz Holliger

LAGUENTHAL (SUÍÇA), 21 DE MAIO DE 1939

Duas Transcrições de Liszt

Heinz Holliger é uma das personalidades mais significativas e fascinantes da música de hoje. Oboísta, maestro e compositor reconhecido, tem mantido em cada um destes domínios uma actividade de primeiríssimo plano. Desde muito cedo construiu uma carreira de sucesso, tornando-se um dos mais reputados intérpretes em todo o mundo e sendo o dedicatário natural de algumas obras emblemáticas da música contemporânea para oboé (de Berio, Ligeti, Stockhausen, Ferneyhough, entre outros). A sua carreira como maestro e pedagogo foi-se tornando também progressivamente mais intensa e reconhecida. O mesmo sucedeu com a composição, que durante muitos anos permaneceu na sombra do seu trabalho como solista. No entanto a partir dos anos 80 foi ganhando notoriedade e consistência, em grande parte devido aos inúmeros prémios e distinções que conquistou. A sua obra é significativa, cobrindo praticamente todos os géneros.

Foi Artista em Residência na Casa da Música no ano passado. Aí tivemos oportunidade de assistir à interpretação de diversas obras suas, de entre as mais significativas, tanto pelo Remix Ensemble como pela Orquestra Sinfónica.

Nuages gris e *Unstern!* são duas peças breves para piano, compostas por Liszt na fase final da sua vida. São peças despojadas e ascéticas, sem artificios ou maquilhagens. Na crueza e nudez da sua escrita elas assumem os riscos da inquietação e da procura, anunciando alguns desenvolvimentos futuros da linguagem musical. Virão, em

boa parte, a ser concretizados pela música francesa, mais notavelmente por Debussy.

A rápida exploração e esgotamento do “total cromático”, a insistência na escala de tons inteiros, a abundante utilização de acordes aumentados, o desvanecimento dos eixos tonais, uma trajectória aberta, uma sonoridade difusa e nebulosa, são algumas notas que conferem a esta música um carácter único no seu tempo.

Não deixa de ser curioso que diversos dados da escrita sejam comuns às duas peças, quer ao nível dos motivos condutores, quer da particularidade dos desenhos, texturas ou dados harmónicos, ou da evidente incerteza e nebulosidade das harmonias ou do destino das frases e dos movimentos. A tonalidade vai ficando mais longe.

Tudo isto parecem boas razões para que um compositor actual, Heinz Holliger, se sinta sugestionado por estas escritas. Isso corresponde aliás a uma orientação de parte do seu trabalho mais recente, voltado para a orquestração de algumas obras do passado (de Machault, Schubert, Debussy ou Schoenberg, entre outros), algumas delas recentemente apresentadas em concerto nesta casa.

Mas há um outro dado curioso nesta circunstância. Uma parte significativa da obra de Liszt (e não só em termos quantitativos) é constituída por transcrições para piano, de numerosíssimas obras orquestrais de muitos outros compositores (as Sinfonias de Beethoven, o *Requiem* de Mozart, o *Prelúdio de Tristão e Isolda* de Wagner, entre centenas de outras obras!!!). Pois bem, desta vez é a própria música de Liszt a ser objecto do processo inverso: duas das suas obras mais breves para piano são agora objecto de uma transcrição para orquestra!

Estas duas transcrições realizadas por Holliger são diversas, situando-se um pouco à frente

do tradicional conceito de orquestração. Em *Unstern!* a escrita orquestral segue de bastante perto a partitura para piano, ampliando e sublinhando notas e acordes, nomeadamente nos registos extremos, e mais notoriamente no grave – onde as cordas, os sopros e sobretudo as percussões tornam aquela elementar e “cruíssima” polifonia num movimento impressionante e poderoso. Mas em *Nuages gris* o grau de invenção orquestral é maior. A perspectiva é de algum alargamento a partir da simplicidade desconcertante da escrita pianística. Uma espécie de micropolifonia (lembrando o mestre Ligeti) vai deixando no ar, muito subtilmente, breves notas e ressonâncias, as quais vão criando pequenas manchas sonoras que o original não mostrava – como se nascessem sombras ou ressonâncias, a partir do pedal do piano. O carácter é o mesmo, mas a orquestração acrescenta algo mais. Na segunda parte da peça esta recriação é ainda maior, com a orquestra a dar uma dimensão quase expressionista a esta estranha e profética obra de Liszt. Originalíssimo é o desfecho, fundindo a subida cromática para os agudos com os dois acordes finais, abertos e inconclusivos.

David Philip Hefti

SAINT-GALL (SUIÇA), 13 DE ABRIL DE 1975

Changements

Hefti estudou nos Conservatórios de Zurique e de Karlsruhe, tendo sido aluno de Wolfgang Rihm e Cristóbal Halffter, entre outros. O seu catálogo é considerável, incluindo um leque variado de obras que vai desde a música de câmara até às obras sinfónicas. A sua carreira conta com inúmeros prémios e distinções, sendo convidado para muitos festivais, quer como compositor quer como maestro, trabalhando com as mais prestigiadas orquestras e ensembles de música contemporânea.

Changements é uma peça para orquestra sinfónica, em um só andamento. Tal como em outras das suas obras, a sequência dos acontecimentos sonoros assemelha-se a uma espécie de montagem cinematográfica, oscilando entre escritas e sonoridades muito extremadas, tanto ao nível dinâmico, como dos registos ou do carácter. A peça muda frequentemente de cor e de estado de espírito. Isso tanto acontece de forma progressiva e orgânica, como abruptamente. O subtítulo da obra, no dizer do próprio compositor, de alguma forma explícita o traço visual destas escritas: “imagens atmosféricas para orquestra”.

A obra começa com “rumores”, no registo mais grave, numa atmosfera fechada e escura. Muito gradualmente este carácter estático e plano vai ganhando movimento, cor e visibilidade, em boa parte devido à escrita rítmica, aos jogos de articulação e à textura. A alternância de tais movimentos com diversos outros agregados de sons, feitos de uma espécie de música murmurada e flutuante, colorida por percussões discretas e delicadas e pelo ar dos

instrumentos de sopro, cria a dinâmica necessária para a parte central da peça. A imaginação sonora do compositor é rica e refinada, recorrendo nas percussões a instrumentos do Mali ou a sons de canas de bambu. Essas alternâncias e os jogos rítmicos cada vez mais intensos e poderosos conduzem a peça ao seu clímax. Daí começarão a sair pequenos fragmentos e motivos, quais “sombras de som”, em jeito de réplicas ou ecos. À margem destes acontecimentos, vai-se levantando uma toada ingénuo e inocente que encaminha a peça para o seu termo.

Michael Jarrell

GENÈVE (SUIÇA), 8 DE OUTUBRO DE 1958

Três estudos de Debussy

O universo das artes visuais que Michael Jarrell começou por estudar na sua juventude haverá de continuar a marcar a sua obra musical a partir do momento em que decide estudar composição, inicialmente em Genebra e mais tarde em Freiburg. Este percurso passou ainda por outras etapas importantes: no IRCAM, na Villa Medici em Roma, ou como compositor residente da Orquestra de Lyon ou do Festival de Lucerna.

As relações da escrita musical com diversos dados do mundo das artes visuais são uma constante no seu trabalho, integrando a imagem e o movimento, o vídeo e a electrónica em muitas das suas obras, nomeadamente nas duas maiores criações: as óperas *Cassandra* (1996) e *Galilei* (2006). Tem sido distinguido com numerosos prémios em concursos. A sua obra *Music for a While* (1995), para ensemble, fez parte do programa de um concerto do Remix Ensemble, na Casa da Música, em 2007.

Os *Estudos para piano*, de Debussy (1915), foram a última colecção de peças que o compositor escreveu. Para além de um novo código interpretativo e técnico – porque pensados para uma música nova – supõem também um novo estatuto composicional. Se é verdade que os estudos criados para a maioria dos instrumentos alargaram consideravelmente as fronteiras da técnica, outros há que transcendem a mera componente técnica e prática da aprendizagem e do domínio de um instrumento. Os *Estudos* de Debussy fazem parte deste segundo grupo, mais restrito. São “pretextos” para a criação de música.

Se os primeiros seis estudos se concentram ainda num dado específico (“para os 5 dedos”, “para as terceiras”, etc), os do segundo livro concentram-se sobretudo em aspectos de ordem musical, de ambiência, de carácter, timbre, colorido orquestral, construção (“para as sonoridades opostas”, por exemplo).

Os estudos seleccionados por Michael Jarrell para as suas orquestrações são significativamente (e compreensivelmente) do segundo livro. O Estudo n.º 9 – “para as notas repetidas” – é o mais cru e despojado de todos. A sua escrita seca e mecânica vive da clareza e precisão das articulações e ataques. O Estudo n.º 10 – “para as sonoridades opostas” – é de efeito deslumbrante no que respeita ao trabalho tímbrico e dinâmico, ao jogo de texturas e planos ou à construção no tempo e no espaço. Esta obra genial e profética vai muito para além daquilo que poderíamos supor por detrás da designação de “estudo”. O Estudo n.º 12 – “para os acordes” – é o corolário lógico de toda a colecção e o seu fecho perfeito. O seu carácter rítmico e a escrita percussiva, mecânica e exacta, algures entre o exterior e brilhante, estão próximos, de alguma forma, de Stravinski. Curiosamente este estudo, simétrico na sua

construção global, tem uma secção central de escrita absolutamente contrastante, numa drástica suspensão do tempo de refinado pendor poético.

As orquestrações de Jarrell seguem de perto as sugestivas escritas dos estudos de Debussy, eles próprios de escrita pianística bem orquestral. No primeiro, “para as notas repetidas”, os efeitos de repetição e de mecanismo são muito bem expressos por toda a orquestra, nomeadamente por cordas e madeiras, num efeito de multiplicação tímbrica que a todo o tempo vai contrapondo desenhos e cores. No estudo “para as sonoridades opostas”, a orquestra potencia todos os efeitos de luz, de cor, textura e volume que a escrita pianística já expressava de forma superlativa. Apetece dizer que perante uma tal partitura pianística não parece necessário inventar nada. Mas é em aspectos como o *legato* ou a sustentação dos sons que a orquestra (cordas e sopros, sobretudo) acrescenta algo e bem decisivo. No estudo “para os acordes”, aquilo que da escrita pianística se perde em percussão e acutilância ganha-se em consistência, fusão e plasticidade. A escrita é ampla e plena. Muito mais ainda depois daquela enigmática secção central, expressa numa cor instrumental muito inventiva. Mas não era já assim a partitura de Debussy?

FERNANDO C. LAPA, 2017

Stefan Blunier *direcção musical*

Em Julho de 2016, Stefan Blunier dirigiu uma performance memorável de *Von deutscher Seele* de Hans Pfitzner em Bona e da Nona Sinfonia de Mahler em Toblach, em concertos de despedida do seu cargo enquanto Director Geral de Música da Orquestra Beethoven de Bona e da Ópera de Bona. Com produções como *Der Golem* de Eugen d'Albert e *Irrelohe* de Schreker, conseguiu atrair as atenções de toda a Alemanha para a Ópera de Bona. Ambas as produções foram gravadas e editadas em CD pela Dabringhaus & Grimm e conquistaram dois prémios ECHO Klassik para “disco de ópera do ano” (2011 e 2012), tendo *Irrelohe* conquistado também o Prémio da Crítica Alemã 2012.

Entre os compromissos de Stefan Blunier para 2016/17 inclui-se a direcção de *Lohengrin* na Ópera de Frankfurt e novas produções de *Wozzeck* no Grande Teatro de Genebra e de *Lorely* de Catalani no Festival St. Gallen. Durante a temporada dirige concertos em Leeds, Estugarda, Quioto, Bratislava, Budapeste e Malmö.

Iniciou a temporada de 2015/16 com uma nova produção de *Benvenuto Cellini* de Berlioz na Ópera de Bona, e prosseguiu com uma nova produção de *Hoffmanns Erzählungen* pelo encenador Barrie Kosky na Komische Oper de Berlim. Apresentou-se em concerto em Aalborg, Mannheim, Estugarda, Milão, Glasgow e Bruxelas. Concluiu a gravação da integral das Sinfonias de Beethoven com a Orquestra Beethoven de Bona, que dirigiu em importantes salas tais como a Philharmonie de Colónia, Concertgebouw de Amesterdão e Großes Festspielhaus de Salzburgo, e em digressões na China e Estados Unidos. A impressionante

discografia com obras raramente interpretadas de Anton Bruckner, Franz Liszt e Franz Schmidt testemunham a bem sucedida colaboração entre Stefan Blunier e a “sua” Orquestra Beethoven de Bona.

Após a sua estreia aclamada com *Daphne* na Ópera de Frankfurt em 2013/14, Stefan Blunier foi de imediato convidado para dirigir *Tristão e Isolda* e aí regressará numa das próximas temporadas. Após estreias na Ópera de Zurique e na Ópera Norueguesa de Oslo, regressou a esta última em 2014/15 para dirigir *Os Contos de Hoffmann*.

Como convidado, dirigiu praticamente todas as orquestras sinfónicas das rádios alemãs, a Orquestra da Gewandhaus de Leipzig, a Sinfónica de Estugarda e as principais orquestras da Dinamarca, Bélgica, Itália, Suíça e França. Colaborou com as mais importantes casas de ópera de Munique, Hamburgo, Leipzig, Estugarda, Berlim, Montpellier e Berna, e ainda com a English National Opera em Londres e o Festival Schwetzingen.

Natural da Suíça, Stefan Blunier estudou piano, trompa, composição e direcção em Berna e na Escola Superior Folkwang em Essen. É fundador do Ensemble para a Nova Música de Essen.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Baldur Brönnimann *maestro titular*

Leopold Hager *maestro convidado principal*

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König (maestro titular no período 2009-2014), Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomarico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Ilan Volkov, Antoni Wit, Takuo Yuasa e Lothar Zagrosek. Entre os solistas que têm colaborado com a orquestra constam os nomes de Pierre-Laurent Aimard, Jean-Efflam Bavouzet, Pedro Burmester, Joyce Didonato, Alban Gerhardt, Natalia Gutman, Viviane Hagner, Alina Ibragimova, Steven Isserlis, Kim Kashkashian, Christian Lindberg, Felicity Lott, António Menezes, Midori, Truls Mørk, Kristine Opolais, Lise de la Salle, Benjamin Schmid, Simon Trpčeski, Thomas Zehetmair ou o Quarteto Arditti. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, George Aperghis e Heinz Holliger, a que se junta em 2017 o compositor britânico Harrison Birtwistle.

A Orquestra tem vindo a incrementar as actuações fora de portas. Nas últimas temporadas apresentou-se nas mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Vallado-

lid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e ainda no Auditório Gulbenkian.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler e Prokofieff e dos Concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff. Em 2011, o álbum "Follow the Songlines" ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Em 2014 surgiu o CD monográfico de Luca Francesconi, seguindo-se em 2015 um disco com obras de Unsuk Chin, ambos com gravações ao vivo na Casa da Música. Na temporada de 2017, a Orquestra apresenta a integral das Sinfonias de Brahms e obras-chave como o *Requiem* de Mozart, *War Requiem* de Britten, *Earth Dances* de Harrison Birtwistle e *Via Sacra* de James Dillon, além das estreias nacionais de encomendas da Casa da Música a Magnus Lindberg e Pascal Dusapin.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Engloba um número permanente de 94 instrumentistas, o que lhe permite executar todo o repertório sinfónico desde o Classicismo ao Século XXI. É parte integrante da Fundação Casa da Música desde Julho de 2006.

Violino I

Zofia Wóycicka
Afonso Fesch*
Radu Ungureanu
Maria Kagan
Vladimir Grinman
José Despujols
Roumiana Badeva
Vadim Feldblioum
Evandra Gonçalves
Andras Burai
Emília Vanguelova
Alan Guimarães
Ana Madalena Ribeiro*
Diogo Coelho*

Violino II

Nancy Frederick
Tatiana Afanasieva
Lilit Davtyan
Pedro Rocha
Mariana Costa
José Paulo Jesus
Francisco Pereira de Sousa
Vítor Teixeira
Domingos Lopes
José Sentieiro
Nikola Vasiljev
Clara Badia Campos*

Viola

Mateusz Stasto
Joana Pereira
Theo Ellegiers
Hazel Veitch
Emília Alves
Jean Loup Lecomte
Luís Norberto Silva
Rute Azevedo
Francisco Moreira
Biliana Chamlieva

Violoncelo

Vicente Chuaqui
Feodor Kolpachnikov
Sharon Kinder
Hrant Yeranossyan
Gisela Neves
Aaron Choi
Bruno Cardoso
Dominika Miecznikowska*

Contrabaixo

Florian Pertzborn
Nadia Choi
Joel Azevedo
Tiago Pinto Ribeiro
Altino Carvalho
Slawomir Marzec

Flauta

Paulo Barros
Ana Maria Ribeiro
Alexander Auer
Angelina Rodrigues

Oboé

Aldo Salvetti
Tamás Bartók
Luciano Cruz*

Clarinete

Luís Silva
Carlos Alves
Gergely Suto
João Moreira*
Pedro Silva*
Ricardo Alves*

Fagote

Robert Glassburner
Vasily Suprunov
Pedro Miguel Silva

Trompa

Luís Duarte Moreira*
Hugo Carneiro
Bohdan Sebestik
José Bernardo Silva
Eddy Tauber

Trompete

Sérgio Pacheco
Ivan Crespo
Luís Granjo
Rui Brito

Trombone

Severo Martinez
Dawid Seidenberg
Rui Pedro Alves*
Nuno Martins

Tuba

Sérgio Carolino

Tímpanos

Bruno Costa

Percussão

Bruno Costa
Paulo Oliveira
André Dias*

Harpa

Ilaria Vivan

Celesta

Luís Filipe Sá*

*instrumentistas convidados

FUNDAÇÃO CASA DA MÚSICA

CONSELHO DE FUNDADORES

Presidente

LUÍS VALENTE DE OLIVEIRA

Vice-Presidentes

JOÃO NUNO MACEDO SILVA

JOSÉ ANTÓNIO TEIXEIRA

ESTADO PORTUGUÊS

MUNICÍPIO DO PORTO

GRANDE ÁREA METROPOLITANA DO PORTO

AÇA GROUP

ÁGUAS DO PORTO

AMORIM INVESTIMENTOS E PARTICIPAÇÕES, SGPS, S. A.

ARSOPI - INDÚSTRIAS METALÚRGICAS ARLINDO S. PINHO, S. A.

AUTO - SUECO, LDA.

AGEAS PORTUGAL,

BA VIDRO, S. A.

BANCO BPI, S. A.

BANCO CARREGOSA

BANCO COMERCIAL PORTUGUÊS, S. A.

BANCO SANTANDER TOTTA, S. A.

BIAL - SGPS S. A.

CAIXA ECONÓMICA MONTEPIO GERAL

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

CERELIS, SGPS, S. A.

CHAMARTIN IMOBILIÁRIA, SGPS, S. A.

CIN, S. A.

COMPANHIA DE SEGUROS ALLIANZ PORTUGAL, S. A.

COMPANHIA DE SEGUROS TRANQUILIDADE, S. A.

CONTINENTAL MABOR - INDÚSTRIA DE PNEUS, S. A.

CPCIS - COMPANHIA PORTUGUESA DE COMPUTADORES INFORMÁTICA E SISTEMAS, S. A.

FUNDAÇÃO EDP

EL CORTE INGLÉS, GRANDES ARMAZÉNS, S. A.

GALP ENERGIA, SGPS, S. A.

GLOBALSHOPS RESOURCES, SLU

GRUPO MEDIA CAPITAL, SGPS S. A.

SDC INVESTIMENTOS SGPS, S.A.

GRUPO VISABEIRA - SGPS, S. A.

III - INVESTIMENTOS INDUSTRIAIS E IMOBILIÁRIOS, S. A.

LACTOGAL, S. A.

LAMEIRINHO - INDÚSTRIA TÊXTIL, S. A.

METRO DO PORTO, S. A.

MSFT - SOFTWARE PARA MICROCOMPUTADORES, LDA.

MOTA - ENGIL SGPS, S. A.

MUNICÍPIO DE MATOSINHOS

NOVO BANCO S.A.

OLINVEST - SGPS, LDA.

PESCANOVA

PHAROL, SGPS, S.A.

PORTO EDITORA, S.A.

PRICEWATERHOUSECOOPERS & ASSOCIADOS

RAR - SOCIEDADE DE CONTROLE (HOLDING), S. A.

REVIGRÉS - INDÚSTRIA DE REVESTIMENTOS DE GRÉS, S. A.

TOYOTA CAETANO PORTUGAL, S. A.

SOGRAPE VINHOS, S. A.

SOLVERDE - SOCIEDADE DE INVESTIMENTOS TURÍSTICOS DA COSTA VERDE, S. A.

SOMAGUE, SGPS, S. A.

SONAE SGPS S. A.

TERTIR, TERMINAIS DE PORTUGAL, S. A.

TÊXTIL MANUEL GONÇALVES, S. A.

UNICER, BEBIDAS DE PORTUGAL, SGPS, S. A.

EMPRESAS AMIGAS DA FUNDAÇÃO

CACHAPUZ

DELOITTE

EXTERNATO RIBADOURO

GRUPO DOUROAZUL

MANVIA S. A.

NAUTILUS S. A.

SAFIRA FACILITY SERVICES S. A.

STRONG SEGURANÇA S. A.

OUTROS APOIOS

FUNDAÇÃO ADELMAN

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA

RAR

NEW COFFEE

PATHENA / IZS

PRIMAVERA BSS

LUCIOS

PATRONO DO CONCERTINO DA ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

THYSSENKRUPP



casa da música

MECENAS PROGRAMAS DE SALA

MDS Global Insurance
& Risk Consultants

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA
DO PORTO CASA DA MÚSICA

OSMAE

APOIO INSTITUCIONAL

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA**
CULTURA

MECENAS PRINCIPAL
CASA DA MÚSICA

 **BPI**